

O Homem Euclides da Cunha

(TRECHO DE CONFERÊNCIA)

Pelo renomado Mestre da Universidade de S. Paulo, Snr. Prof. FERNANDO DE AZEVEDO

Engenheiro e militar, explorador e cartógrafo, foi nas letras, em contato com a poesia e o drama, o ensaio e a história, que ele encontrou recursos para ultrapassar a profissão e tornar viva a ciência que acumulou, trabalhando com o vasto material que lhe fornecia, como um instrumento de análise e criação; foi nesse convívio com a literatura universal que se lhe desenvolveu o sentido poético e se lhe aguçou esse espírito de finura que, para o humanismo, vale mais que o da geometria; foi, retemperando-se nessa fonte e colocando-se a essa luz sempre nova que "descobriu, como diria, Marrou, as paixões do homem e seu coração profundo e adquiriu assim uma certa experiência psicológica, um sentido afinado dos valores morais, do real e do possível, do homem e da vida". Em nosso século de inquietação, em que, ao princípio do humanismo clássico, isto é, do "Homem em primeiro lugar" já ameaçava suceder a aspiração de "a máquina antes de tudo"; nessa dispersão constante em que se dissipa o melhor de nós mesmos e o nosso tempo se retalha como sob os dentes de uma máquina de picar, teve Euclides o cuidado paciente de cultivar o seu campo, de juntar seus feixes de trigo e de recolher ao celeiro sua farta colheita. Com sua simpatia humana e sua capacidade de admirar, fez saltar da rocha de uma vida agreste e dura essa provisão de entusiasmo que lhe permitiu, entre ásperas dificuldades, erigir um monumento cuja maior beleza consiste em refletir a unidade de sua vida profunda, na diversidade extrema das contingências. Conservou-se sempre ele mesmo através de lutas e provações em que soube manter a elevação de sentimentos, o refrescamento ideal que os abalos emotivos produzem em nós e, como tinha provisões seguras de inteligência, energia e conhecimentos, pôde responder quase sempre com vantagem ao choque das emoções. Indiferente ao ruído e aos sucessos mundanos, sem intriga e sem ambições, ligado unicamente a idéias superiores, não só enfrentou o temporal que tantas vezes lhe rugiu às portas da casa e acabou por reduzi-la a ruínas, como sabia arrostar a bonança que, para os navios, como para um homem de seu temperamento, é às vezes mais perigosa do que a tempestade. Mas Euclides sabia que o homem luta com suas qualidades, quando as tem, mas sobretudo com os seus defeitos; e, tendo-as tantas e em tão alto grau, os defeitos não participavam menos de suas lutas, vitórias e derrotas.

Aliás, os defeitos, que são reações de defesa, entram por igual na composição de toda personalidade humana, e é sempre difícil traçar entre umas e outras uma linha nítida de demarcação. As fronteiras, pelo geral, são e se mantêm tão flutuantes que, o que consideramos defeito, pode ser uma alta qualidade, em determinada circunstância, e o que temos por qualidade, em outros casos, se ultrapassa certos limites, já se transforma num defeito. O orgulhoso, o inquieto e o tímido não existem senão como tipos e exemplos; se há pessoas que têm esses defeitos, ou um ou outro, e em cuja vida eles intervêm, suas próprias atividades e as circunstâncias tão diversas em que elas se sucedem, modificam também esses defeitos da mesma maneira que eles se modificam uns aos outros, pelo só fato de sua coexistência. Como observa Ch. Fiessinger, no livro que dedicou ao estudo dos caracteres, retomando a linha dos grandes moralistas do século XVII, entre os dois centros nervosos que existem em cada um de nós, — o cérebro, com sua faculdade de associar idéias, de comparar, julgar e concluir, e o simpático neuro-glandular, com suas impulsões, seus instintos e suas taras, o equilíbrio perfeito é uma maravilha muito rara, um estado em que o homem, ainda quando o alcança, tem grande dificuldade em se manter. O que diz Fiessinger, ao analisar, a propósito dos caracteres, a influência dessa fisiologia secreta, não é que todos os nossos defeitos nos compõem nossa energia, mas que nós os empregamos, ao menos alguns deles, para nos defendermos, e que, depois de os termos utilizado, se tornam habituais e preciosos até nos formarem o caráter. É o que se deu com o nosso grande Euclides. Se esse equilíbrio instável entre a sensibilidade

de e a inteligência, é comum entre os indivíduos que as não têm em alto grau, não é de surpreender seja às vezes tão violentamente rompido em um homem como Euclides, de sensibilidade extrema e poderosa inteligências, que tinha qualquer coisa de selvagem, e lembra, sob certos aspectos, uma figura escarpada desses povos mais próximos da natureza, ainda intatos na sua ganga nativa e com toda a força e frescura de seus impulsos naturais. Com essa mistura e desordem, em que as rudes imposições da vida intervêm como princípios reguladores, de equilíbrio, soube, porém, Euclides forjar-se uma realidade sintética, ideal, e criar-se, pela constante vigilância sobre si mesmo um desses seres de razão, mais reais, mais necessários e maiores do que o ser accidental de que trazem o nome e que permanece, no entanto, concreto e vivo, em sua obra e em sua conduta, com todas as suas singularidades e contradições.

Na sua personalidade, múltipla e complexa, associam-se, alternam-se ou se chocam a timidez e a impetuosidade, a ternura e a veemência, a humildade e a altivez, e, aos cuidados, incertezas e dúvidas sobre o próprio valor sucedem-se desabafos de confiança em si e nos outros, como a depressão ao entusiasmo, as esperanças, aos desfalecimentos. Eleito sócio correspondente do Instituto Histórico, agradece, surpreso, a distinção, julgando-a "entre as maiores que podia desejar, tão falto de méritos se considerava para recebê-la"; fiando-se ainda "muito pouco de seu valor", hesita em aceitar o convite para escrever uma memória sobre o Duque de Caxias; sobressalta-se, diante de competidores, muito abaixo de seu nível, à vaga a que se candidatou, na Academia Brasileira de Letras, tendo-se por derrotado, se não por morta sua candidatura, se o desamparassem os amigos e não votassem alguns "imortais", distraídos pelos acontecimentos... Mas esse homem estranho que, na sua modéstia, se inquieta e se aflige, diante da competição da mediocridade afoita que se acotovelava na disputa de cargos, preferências e honrarias; que nunca perdeu, segundo ele mesmo o confessava, a reserva e a timidez, "esse traço de filho da roça que o desequilibra intimamente ao tratar com quem quer que seja", é aquele mesmo que, aluno da Escola Militar, republicano intransigente, tentou quebrar ao joelho a carabina e a atirou aos pés de Tomás Coelho, Ministro da Guerra; o mesmo que, quando tenente, enfrentou Floriano na defesa de seu sógro, o general Sólton, e, por não ter papas na língua, em relação aos floristanistas e ao próprio Floriano, foi transferido para Campanha; o mesmo que, segundo suas palavras, obedecendo ao "belo destino de caçador de perigos e à eterna ilusão de ser útil à sua pátria", estava sempre disposto a calçar as botas de sete léguas, para as batalhas obscuras e trágicas com o deserto. Como todos os homens de bem e todas as grandes almas, Euclides defende-se menos com os seus defeitos do que com os seus méritos e virtudes, tomada essa palavra *virtude* sobretudo no sentido etimológico e o mais verdadeiro que tem em latim o vocábulo *virtus*, e, italiano, *virtù*, especialmente na época da Renascença. Proveniente de *vir*, homem, como, entre nós, *virilidade*, o poder efetivo e eficaz de um homem, é o total do que ele vale na luta. Salústio não apresenta nenhum de seus personagens sem lhe avaliar a força pela superioridade do que ele tem de energia sobre o que tem de fraqueza, e aprecia ao justo a *virtus* de Catilina que é um homem cheio de defeitos, vários dos quais contam na balança de sua *virtus* e de seu valor individual. Em Euclides, porém, a *virtude* não só exprime a varonilidade, a *virtus* latina ou a *virtù* do italiano do Renascimento, mas a *virtude*, no sentido mais alto e mais largo, a probidade impecável, o perfeito cavalheirismo e a nobre retidão.